



Recebido em: 30/11/2020

Aprovado em: 26/12/2020

Publicado em: 31/12/2020

EXU E O IBEJI INVENTAM O CONTRATEMPO

por uma filosofia afro-brasileira da educação

EXU AND IBEJI INVENT THE CONTRACT

towards an Afro-Brazilian philosophy of education

“Exu matou um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje”

Luís Carlos Ferreira dos Santos¹

RESUMO

O texto tem como objetivo problematizar a persistência pela aniquilação da vida no cenário da educação. A perspectiva da educação brasileira convive historicamente com seus inimigos íntimos: o espírito antidemocrático, a aniquilação do diverso e a morte da criatividade. Alguns elementos que persistem na perpetuação dos inimigos da educação são: a vocação de um espírito antidemocrático, a antipoética e a morte do espaço público de discussão. Esses elementos são produtores de forma cultural de mortes, fundamentados pelo racismo. Irei caminhar nas paisagens das filosofias africanas e da educação antirracista. Para isso, mobilizarei os personagens de Exu e do Ibeji na tentativa de responder a seguinte problematização: quais as formas possíveis de caminharmos humanamente juntos?

Palavras- chave: Filosofia afro-brasileira. Exu. Ibeji. Educação antirracista.

ABSTRACT

The text aims to problematize the persistence for the extinction of life in the education scenario. The perspective of Brazilian education has historically coexisted with its intimate enemies: the anti-democratic spirit, the extinction of the diverse and the death of creativity. Some elements that persist in the perpetuation of the enemies of education are: the vocation of an anti-democratic spirit, the antipoetic and the death of the public space for discussion. These elements produce a cultural form of death, reasoned on racism. I will walk in the landscapes of African philosophies and anti-racist education. For this, I will mobilize the characters of Exu and Ibeji in an attempt to answer the following question: what are the possible ways of walking humanly together?

Keywords: Afro-Brazilian philosophy. Exu. Ibeji. Anti-racist education.

INTRODUÇÃO

A importância de uma filosofia da educação que tenha o objetivo de inventar um tempo de superação da violência do racismo é de extrema importância e urgência. O presente texto

¹ Doutor em Difusão do Conhecimento pelo Programa de Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: lcarlosfsantos@gmail.com.
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9476764912050820>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0514-5324>.



busca problematizar a vontade obstinada da transparência, da mesmidade, a qual tem como finalidade a persistência pela aniquilação da vida. O caminho percorrido se dá em responder a seguinte questão: quais as formas possíveis de caminharmos humanamente juntos? Para atingir tal objetivo se mobiliza no primeiro momento a problemática do semiocídio cultural² (morte dos símbolos e signos culturais do contexto cultural africano, latino-americano) e do epistemicídio³ (racismo epistêmico) no intuito de superar o racismo, o qual tem como objetivo retirar a humanidade e perpetuar a exploração dos grupos racializados. Em seguida, para reinventar um contratempo ao epistemicídio e ao semiocídio cultural, pretende-se mobilizar a poética da temporalidade de Exu e do Ibeji, desde a produção do discurso filosófico da educação.

A paisagem mítico-poética que habita o texto segue em relação com o orixá⁴ Exu, divindade do panteão iorubá. Segundo Luz (2003), Exu é o “transportador das oferendas rituais, Exu é responsável pela circulação de axé que dinamiza o ciclo vital. Toda ação e movimento, portanto, depende da atuação de Exu” (LUZ, 2003, p. 50). A morada de Exu é a encruzilhada, é o patrono da comunicação. O signo Exu habita a possibilidade de comutar o que é irredutível. O signo mítico poético Ibeji, divindade do panteão iorubá, significa gêmeos. No universo das religiões de matrizes africanas, nos candomblés, segundo Flor do Nascimento (2018), “essa divindade se vincula aos Erês, entidades infantis que são também um dos modos dos orixás se comunicarem, pois trazem as mensagens das divindades iorubanas quando os iniciados entram em transe com essas entidades” (FLOR DO NASCIMENTO, 2018, p. 588).

O racismo age no aniquilamento do imaginário diverso brasileiro e tem como finalidade atuar na redução da imaginação, por isso os signos poéticos Exu e Ibeji são combatidos e marginalizados no imaginário filosófico brasileiro. Tais elementos, a partir da estratégia sensível, mobilizadas pelo semiocídio cultural e pelo epistemicídio, não dão o que pensar na filosofia da educação. O controle da imaginação é o lugar estratégico para a permanência da morte dos sujeitos racializados e a permanência do imaginário potencializador da “poética do

² Muniz Sodré (1988), no livro *A verdade seduzida*, persiste por um outro conceito de cultura. E, segundo Sodré, a palavra cultura foi utilizada em alguns momentos da história da humanidade como uns dos grandes articuladores do genocídio, que se faz alternar por “semiocídios

³ O Epistemicídio (racismo epistêmico) é compreendido nesse texto como um combate ontológico ao pertencimento, sendo esta uma expressão trabalhada por autores como Nelson Maldonado Torres (2010); Mogobe Ramose (2011) e Sueli Carneiro (2005).

⁴ Segundo Ronilda Ribeiro “Os orixás são, segundo Awolalu e Dopamu (1979), deuses com d minúsculo. Emanações do Ser Supremo, dele possuem atributos, qualidades e características e têm por propósito servir à vontade divina no governo do mundo. Algumas destas divindades são primordiais, isto é, participaram da criação do mundo; outras são ancestrais que por suas vidas exemplares, foram deificados e outras personificam forças e fenômenos naturais.” (RIBEIRO, p.1996, p. 61).



genocídio⁵” (SANTOS, 2019). A criação de mundos de mortes atua como obstáculo à possibilidade de caminharmos humanamente juntos. O imaginário do racismo retroalimenta as formas variadas de condicionantes da vida à morte.

A partir desse imaginário se torna imprescindível uma filosofia da educação que relacione o diverso e dialogue com uma paisagem afro-brasileira, pois ela é a tradução e afirmação da luta de afirmação ontológica dos sujeitos desses arquipélagos e do “todo-o-mundo”⁶ (GLISSANT, 2011). A importância de dialogar com as paisagens da filosofia da educação afro-brasileiras se dá no fato de que o epistemicídio é a morte dos sujeitos pertencentes aos espaços subalternizados e racializados historicamente pela memória e imaginário escravagista.

A política do desejo, fundamentada pelo imaginário escravagista, advinda da colonialidade moderna, defendeu o argumento de que a filosofia não existia na África. O argumento tem o racismo como pressuposto. Portanto, o objetivo foi o controle dos corpos, dos desejos e dos recursos naturais, por meio de um argumento pretensamente universal, tendo como base a necropolítica, como chama Achille Mbembe (2018).

A necropolítica é a relação da xenofobia, do racismo e do capitalismo produzida na imagem do inimigo. É potencializador da “política de inimizade⁷.” O ódio é um sentimento necessário para o sucesso da política de morte. A construção de um imaginário fragmentado, onde não exista a partilha do “todo-o-mundo”, o combate à partilha comum, produz o que Mbembe (2017) chama de uma política da inimizade. E a construção do inimigo é um efeito das democracias liberais. Mbembe (2017) chama atenção para a sociedade de inimizade, elas são produzidas exatamente no simulacro da democracia. Portanto, o imaginário que condiciona a poética do genocídio compreende os agenciamentos econômicos, políticos e os regimes culturais relacionados pelo racismo.

O racismo é uma epistemologia e educa as sensibilidades legitimando as injustiças. Para enfrentá-lo é necessária uma filosofia da educação atravessada pela dimensão estética. É no

⁵ O conceito “poética do genocídio” é trabalhado na tese *O poder de matar e a recusa em morrer: filopoética afrodiáspórica como arquipélago de libertação*, defendida em 2019, por Luís Carlos Ferreira dos Santos, no Programa Multidisciplinar e Multiinstitucional em Difusão do Conhecimento (UFBA). A tese compreende que a necropolítica, forma de subjugar as vidas ao poder de morte, cria mundos de mortes. Ela é a derrota da filosofia, é o antipensamento e o aniquilamento da memória. É a força dos espaços vazios que movimentam a poética do genocídio. A criação de mundos que se aniquilam é uma das moradas da força poética do genocídio.

⁶ O Todo-o-mundo é um conceito cunhado e desenvolvido pelo filósofo martinicano Édouard Glissant. O “Todo-o-mundo” é o inextricável do uno, é este emaranhado de partes que configura o uno. A totalidade-mundo é constituída dos arquipélagos, que, por sua vez, é formado por paisagens, que são como categorias do sendo, conduz para além de si-mesmo e faz conhecer o que está em nós.

⁷ Referência ao livro de Achille Mbembe *Políticas da Inimizade*.



movimento da educação da sensibilidade, da afirmação da vida, que se pode desviar de uma perspectiva que promove a pulsão de morte: o racismo.

A partir da perspectiva do entendimento da crítica do imaginário pouco diverso, racista, se justifica a importância do diálogo de uma filosofia da educação desde outras paisagens e vozes. O projeto filosófico da modernidade produziu as ausências e encobriu sujeitos e conhecimentos historicamente racializados. Segundo Santos (2014):

A ausência ou a tentativa de negar as filosofias africanas no Brasil são a negação do estatuto ontológico dos seres humanos afrodescendentes neste território. Os contextos, cenários, as representações simbólicas, que expressam as significações na filosofia da educação brasileira, expressam-se, em sua maioria, a partir apenas dos paradigmas indo-europeus. (SANTOS, 2014, p. 36).

A busca obstinada de aniquilamento do diverso é uma característica do projeto moderno do imaginário escravagista, um projeto da colonialidade. O imaginário escravagista potencializa a ausência do diverso. Todavia, aqueles que foram “condenados da terra”⁸ têm a possibilidade de renovar o imaginário do “todo-o-mundo” (GLISSANT, 2011). Segundo Maldonado-Torres (2010), “[...] no mundo, há muito para aprender com aqueles outros que a modernidade tornou invisíveis.” (MALDONADO-TORRES, 2010, p. 437).

Se faz necessário, para uma renovação do imaginário, uma imaginação filosófica que parta da própria paisagem. A paisagem movimenta e atualiza o imaginário. Segundo Luís Ferreira Santos:

A paisagem está relacionada com o imaginário. E a insurreição do imaginário (recusa em morrer) é o lugar da filopoética no enfrentamento da fixidez do barco negro, em que a razão de ser é um ato para a morte. A paisagem é compreendida por Milton Santos (2002) como aquela que relaciona os objetos do presente e do passado, todavia, o espaço é sempre o presente. A paisagem apenas não se vê, ela tem cheiro e se sente. A paisagem é mobilizadora do engajamento, da potencialidade política. A paisagem potencializa o imaginário. A ampliação do imaginário provoca a mudança na relação com o mundo [...] (SANTOS, 2019, p. 161).

O imaginário legitima e justifica as violências coloniais, mas através dele também se encontra a insubmissão para a crítica e superação da agência da violência do racismo, o qual insiste na hierarquia dos grupos humanos e da morte das relações.

⁸ Alusão ao livro de Frantz Fanon, *Os condenados da Terra*.



A produção filosófica da educação em relação com a paisagem afro-brasileira potencializa o imaginário. Ela pode renovar imaginários, apresentar caminhos e itinerários. A filosofia da educação afro-brasileira potencializa outras formas de habitar o mundo na busca de fortalecer, como defende Fanon (2005), “um novo humanismo”. Na sua paisagem se percebe a afirmação da vida, a criatividade e coletividade no contratempo da temporalidade do terror.

1 TEMPO DO SEMIOCÍDIO CULTURAL E DO EPISTEMICÍDIO

O imaginário da educação brasileira se apresenta, de maneira institucional, a partir de uma perspectiva redutora da diversidade. Isso se evidencia no discurso epistemológico que se traduz apenas desde as perspectivas indo-europeias e, mais recentemente, estadunidenses. A ausência ou a tentativa de combate de outras imaginações na produção da filosofia da educação brasileira, por exemplo, se configura como a negação do estatuto ontológico dos grupos humanos racializados e subalternizados historicamente neste espaço. É um combate ontológico ao pertencimento, sendo esta uma tradução do epistemicídio, como informa Mogobe Ramose (2011) e Sueli Carneiro (2005), e do semiocídio cultural, como afirma Muniz Sodré (1988).

Muniz Sodré (1988) defende que a palavra cultura é um campo explicativo do “semiocídio”. Esse é entendido como o genocídio cultural cometido por algumas tradições europeias, as quais colonizaram o continente africano e americano. Sodré (1988), para escapar do “semiocídio”, dialoga com os conceitos de sentido e representação. O sentido fundamenta a diferença, enquanto a representação dá ênfase ao genocídio do universal. O sentido teria a perspectiva de escapar do totalitarismo arbitrário e de superar a compreensão moderna-ocidental de identidade arbitrária. Isto é, o sentido tem como finalidade a diferença, já a representação, produzida pelo imaginário escravagista, dá ênfase ao genocídio do universal, sem paisagem.

Para escapar do conceito de cultura, de um sentido abstrato e idealista, Muniz Sodré (1988) defende a perspectiva de *arkhé*, essa se faz imprescindível. Para Sodré (1988), a cultura não é nenhum sistema, nenhuma estrutura, mas o sedutor vazio que nos indetermina. O conceito de cultura como um sedutor que indetermina é apresentado desde o terreiro de candomblé, que é entendido como o *continuum* africano no Brasil e um impulso de resistência à ideologia dominante. O terreiro é a *arkhé* negra, de acordo com Sodré (1998), pois a partir do candomblé, da capoeira e da literatura de cordel apresenta o conceito de cultura no Brasil.



As culturas da *arkhé* negra ao sofrerem a violência do semiocídio cultural legitimam o epistemicídio. Esse teve sua fundamentação através da lógica produzida pela ciência (razão) e pela religião (fé). Tendo como objetivo a conquista do poder, através de um argumento pretensamente universal, fundamentado pelo pensamento da “transparência” (GLISSANT, 2009). Um outro argumento é a reivindicação da filosofia “universal”, sem ponto de partida. Entretanto, mesmo quando a filosofia ocidental moderna busca uma filosofia sem cultura, ou seja, universalizante, ainda assim, é uma perspectiva. Nesse sentido, a fundamentação do epistemicídio é contraditória, o ponto de partida é um “paradigma” (RAMOSE, 2011).

O epistemicídio e o semiocídio cultural são fortemente traduzidos no fazer filosófico epistêmico e cultural dos territórios africano e latino-americano, que se reinventaram a partir da lógica injusta do colonialismo. O semiocídio cultural potencializa o epistemicídio. As duas categorias apresentadas são traduções da legitimação e produção de conhecimento do projeto político de dominação e conquista econômica dos projetos de morte. A perspectiva do imaginário da educação brasileira insiste em seguir na órbita da obstinada vontade do Um. O etnocentrismo, neste caso, o eurocentrismo, e a questão da dominação por meio da política e do conhecimento, apenas recentemente vem tecendo, na filosofia contemporânea, críticas e superações.

A partir da chave de leitura do epistemicídio e do semiocídio cultural, se justifica a importância de se pensar uma filosofia da educação em relação com a imaginação desde a África e seus arquipélagos no debate filosófico brasileiro. A modernidade encobriu outros sujeitos e conhecimentos e obriga que os corpos negros e indígenas sejam submetidos às suas paisagens.

O imaginário redutor da diferença é uma estratégia sensível que torna invisível outras práticas e saberes. A filosofia marcada pelo projeto epistemológico da antipoética, unicultural e da política de morte é uma representação do aniquilamento do diverso na educação, segue como obstáculo para caminhar juntos. Uma filosofia da educação que não promove o diverso está comprometida com a violência física e simbólica das relações. As filosofias dos arquipélagos africanos e afro-brasileiros sofrem a violência sistemática do imaginário e da memória escravagista.

A persistência do combate e negação dos saberes africanos e negros da diáspora é o combate do estatuto ontológico dos afro-brasileiro neste território. Os contextos e as representações simbólicas, que expressam as significações na filosofia da educação brasileira, expressam-se, em sua maioria, a partir apenas das paisagens europeias e estadunidenses.



Antônio Joaquim Severino, no livro *A filosofia Contemporânea no Brasil: conhecimento, política e educação*, tem como objetivo apresentar as construções filosóficas significativas na atualidade brasileira, apresenta uma fotografia da filosofia.⁹ As teorias pedagógicas, a partir do olhar da filosofia da educação, têm sua construção de conhecimento fundamentada desde a monoculturalidade. A interculturalidade, na perspectiva apresentada pelo autor, ainda não se evidencia na filosofia produzida no Brasil. Severino chega à conclusão de que a filosofia contemporânea no Brasil vem construindo suas reflexões, sem se desvincular das tradições e perspectivas da filosofia ocidental (SEVERINO, 2001).

A crítica que Severino (2011) apresenta acerca do pensamento filosófico brasileiro, de respirar culturalmente apenas a imagem europeia, é percebida na produção de um pensamento que não se ocupa com as questões de sua territorialidade e temporalidade. A multiplicidade de paisagem (a diversidade cultural) não é exaltada na filosofia da educação brasileira. Portanto, uma primeira resposta para a pergunta no início desse texto, seria a defesa da multiplicidade cultural no pensamento filosófico.

1.1 A poética de Exu inventa o contratempo

Emanuel Roque Soares, no livro *As vinte e uma faces de Exu na filosofia afrodescendente da educação*, defende a possibilidade da multiplicidade de uma filosofia da educação brasileira, a partir da perspectiva de Exu¹⁰. A importância da filosofia em relação com o símbolo Exu existe pelo fato da necessidade de rever o conhecimento africano no Brasil por meio de outros paradigmas. Um dos caminhos possíveis seria o de rever os mitos africanos para reconstruí-los, tomando como referência o ponto de vista afro-brasileiro. Nesta perspectiva, recompondo sua estética e restabelecendo sua ética, compreendendo a sua existência a partir de si mesmo em relação com o “todo-o-mundo” (GLISSANT, 2011). Assim, presumindo um conhecimento complexo como o mundo cultural africano que tem uma cosmologia própria, que o mundo ocidental não basta para explicar.

Uma paisagem reveladora do semiocídio cultural é a de Exu. Esse é traduzido como uma imagem a ser combatida, na perspectiva da produção do imaginário escravagista. O combate às diferenças e o aniquilamento do diverso evidencia, tanto a negação aos saberes e

⁹ É importante ressaltar que este trabalho foi publicado em 1999.

¹⁰ Segundo Juana Elbein dos Santos e Deoscoredes Santos: “[...] Exu como princípio vital dinâmico de todo ser faz dele o elemento que ajuda formar, desenvolver, mobilizar, crescer, transformar, comunicar” (SANTOS; SANTOS, 2014, p. 26).



conhecimentos africanos e latino-americanos, quanto o combate à existência destes sujeitos na participação deste território. É um aniquilamento no plano simbólico e físico.

O entendimento de uma filosofia da educação afro-brasileira tem como característica a defesa da vida, da diferença, do diverso e do multilinguismo. Nesse aspecto, Exu é o símbolo que se movimenta, produzindo sentidos desde a “[...] polissemia, polidialogia e policromia” (OLIVEIRA, 2007, p. 143). As vozes dos movimentos sociais, dos acadêmicos comprometidos com a promoção da justiça epistêmica e social, problematizam o entendimento de educação desde a perspectiva de “totalidade fechada”, transmutando-a para o entendimento de encruzilhada.

A imagem da encruzilhada oferece a multiplicidade de possibilidades, da errância e do enraizamento, tendo Exu como produtor de simulacros, esse é a possibilidade de não recair nos modelos de pensamentos de sistema fechado. No intuito de não recair nas armadilhas, tais como os extremismos das totalidades fechadas, os relativismos exacerbados da razão cínica, que se convoca o contratempo de Exu. Segundo Pereira:

Dito de outra maneira – para pensarmos as relações históricas em que a sujeição à luta pela autonomia marcou a trajetória do sujeito afrodiáspórico – podemos considerar que o enraizamento e a definição de uma identidade cultural se configuram menos como um horizonte claro e mais como um ponto obscuro, que nos desafia a perceber na opacidade o que há de escorregadio e mutável, algo como um espelho de alteridades, que atribua sentido às experiências de desenraizamento cultural e de recusa da máscara da identidade única. Daí a pertinência dos modos de pensar/agir via Exu que para ser o que é tem que se transformar, no ato desse enunciado, em outro – que será outro tão logo esse enunciado seja intuído e assim continuamente. (PEREIRA, 2017, p. 110).

Em diálogo com a paisagem de Exu, como explicitado, temos o entendimento de que o simulacro e a opacidade são as instâncias criativas para a relação com o outro. E esse espaço de comunicação em comum, o desejo pelo contraste (opacidade) e não as sínteses impostas (transparência), é a possibilidade de construção de espelho de opacidades/alteridades no contratempo da identidade única. A opacidade produz sentidos para a experiência afrodescendente. A violência monocolonial é uma experiência de transparência. O imaginário afro-brasileiro, a nossa “floresta de signos”, é desmatada pela claridade da transparência. Todavia, na opacidade, aquilo que foi dizimado, aniquilado está no obscuro, na espera do opaco encantar o claro. O espelho da opacidade é uma potência para qualificar linguagens e ferramentas para a caminhada em comum, mantendo as singularidades. Exu habita o lugar por excelência da ética, no sistema filosófico iorubá.



A filosofia da educação a partir do signo Exu tem como fundamento o diverso. Exu é “essencialmente o princípio vital e dinâmico de todo ser e de toda coisa que existe. Sem Exu, a existência, suas representações e transformações não aconteceriam, a vida não se desenvolveria” (SANTOS; SANTOS, 2014, p. 28). A morada de Exu é a encruzilhada. A encruzilhada é a morada de comutar o que é irreduzível. Nela, a transparência não encobre e nem aniquila com seu brilho intenso as múltiplas possibilidades. Na encruzilhada são potencializadas as comunicações.

Exu é o signo do diálogo, da potencialização das relações. Uma outra característica de Exu é da invenção do tempo. O aforismo nagô: “Exu matou um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje” representa esta ação de invenção do tempo. O presente transita para o passado, pois a pedra jogada está no meio de uma ação. Essa imagem é muito importante para qualificar as ações para o debate acerca de uma filosofia da educação afro-brasileira. De acordo com a interpretação do professor Muniz Sodré (2017) acerca do aforismo citado:

No substrato mítico poética, não se vê nenhuma contradição, mas ontologicamente, o enunciado do provérbio só é concebível se o presente ou o agora funda o tempo (temporaliza) por meio da ação/ascontecimento (a pedra mitológica) e assim pode coexistir com o passado- pode tornar simultâneo o que não é contemporâneo. (SODRÉ, 2017, p.187).

É o agora, o presente, que funda o tempo por meio da ação. Na dinâmica de Exu não há fim nem começo, tudo é devir, processo. Nesse caso, a temporalidade se concretiza no acontecimento. A leitura é do contraponto à temporalidade ocidental, na perspectiva do tempo inventado por Exu. Segundo Sodré:

[...] com Exu a temporalidade não é constituída, mas constituinte, isto é, uma dimensão da experiência que inventa o tempo por meio da articulação dos eventos seguidos pela origem, isto é, por um protoacontecimento que engendra um destino comum a todos e faz aparecer até mesmo o inexistente. Nessa dimensão, o indivíduo está ao mesmo tempo atrás e diante de si mesmo. (SODRÉ, 2017, p. 188).

A ação de Exu não está dentro do tempo, ele o inventa. No aforismo citado, a reversibilidade que afeta os componentes temporais estabelecidos incita poética e filosoficamente a uma tomada de consciência dos intervalos, das pausas. O aforismo remete ao orixá Exu como aquele que pode vir a ser capaz de reinventar a memória, inventar o tempo. O presente é um constante vir a ser e ter sido. Exu é o contratempo da “poética do genocídio” (SANTOS, 2019), a qual aniquila o diverso e a multiplicidade.



Portanto, uma segunda resposta, para a pergunta do texto, desde a ação poética de Exu, se dá na urgência de inventar um contratempo no acontecimento. A pedra lançada por Exu é o lançar-se no imprevisível, é a morada da utopia, mas não é um movimento de futuro, é uma ação do presente. A poética do contratempo de Exu é a utopia, um acontecimento do aqui e agora.

1.2 Poética do tempo do Ibeji

Para dialogar com o tempo do ibeji faremos uso do mito “Os Ibejis enganam a Morte”.

Os ibejis, os orixás gêmeos, viviam para se divertir.
Não é por acaso que eram filhos de Oxum¹¹ e Xangô.
Viviam tocando uns pequenos tambores mágicos, que ganham de presente de sua mãe adotiva, Iemanjá.
Nessa mesma época, a Morte colocou armadilhas em todos os caminhos e começou a comer todos os humanos que caíam nas suas arapucas.
Homens e mulheres, velhos ou crianças, ninguém escapava da voracidade de Icu, a morte.
Icu pegava todos antes de seu tempo de morrer haver chegado.
O terror se alastrou entre os humanos.
Sacerdotes, bruxos, adivinhos, curandeiros, todos se juntaram para pôr um fim à obsessão de Icu,
Mas todos foram vencidos. Os humanos continuavam morrendo antes do tempo.
Os Ibejis, então, armaram um plano para deter Icu. Um deles foi pela trilha perigosa onde Icu armara sua mortal armadilha.
O outro seguia o irmão escondido, acompanhando-o à distância por dentro do mato. O ibeji que ia pela trilha ia tocando seu pequeno tambor.
Tocava com tanto gosto e maestria que a Morte ficou maravilhada, não quis que ele morresse e o avisou da armadilha.
Icu se pôs a dançar inebriadamente, enfeitiçada pelo som do tambor do menino.
Quando o irmão se cansou de tanto tocar, o outro, que estava escondido no mato, trocou de lugar com o irmão, sem que Icu nada percebesse.
E assim um irmão substituíu o outro e a música jamais cessava.
E Icu dançava sem fazer sequer uma pausa.
Icu, ainda que estivesse muito cansada, não conseguia parar de dançar.
E o tambor continuava soando seu ritmo irresistível.
Icu já estava esgotada e pediu ao menino que parasse a música por instantes, para que ela pudesse descansar.
Icu implorava, queria descansar um pouco.
Icu já não aguentava mais dançar seu tétrico bailado.
Os Ibejis então lhe propuseram um pacto.
A música pararia, mas a Morte teria que jurar que retiraria todas as armadilhas.
Icu não tinha escolha, rendeu-se.
Os gêmeos venceram.

¹¹ Em outras versões mais difundidas, o Ibeji aparece como filhos dos orixás Iansã e Xangô. A escolha por essa versão do mito se dá por uma questão técnica.



Foi assim que os Ibejis salvaram os homens e ganharam fala de muito poderosos, porque nenhum outro orixá conseguiu ganhar aquela peleja com a Morte.

Os Ibejis são poderosos mas o que eles gostam mesmo é de brincar. (PRANDI, 2001, pp. 375-377)

A beleza presente no mito revela a perspectiva de que educar pela cultura tem o objetivo de educar as sensibilidades para um engajamento e encantamento do mundo e do humano. O tempo inventado pelo Ibeji nos traz como princípio a defesa da vida, a criatividade como dinamizadora da ação e a afirmação da coletividade. O imaginário presente na educação brasileira, o “deixar morrer e fazer morrer”, a necropolítica (MBEMBE, 2018), atualiza a antipoética, ou seja, o apagamento da criatividade, produz a morte do espaço público de discussão, a coletividade e tem como fim o desencantamento da vida dos povos ameríndios e dos afro-brasileiros.

A experiência mito-poética narrada pelo Ibeji sinaliza uma temporalidade em que o presente é o acontecimento. Na dinâmica cultural moderna ocidental, o passado é esquecido. Enquanto na filosofia africana o passado não deve ser esquecido, na dinâmica ocidental moderna, o que tem mais força é a projeção de futuro e a criação dá-se em relação com o abandono do passado.

Flor do Nascimento, no artigo intitulado *Temporalidade, memória e ancestralidade: enredamentos africanos entre infância e formação*, apresenta um diálogo sobre a infância a partir das regiões africanas de línguas bantas e iorubá. O seu discurso é situado na “África negra” e na relação produzida pela diáspora, principalmente as dos terreiros de candomblé. O texto aborda as categorias de memória, temporalidade e infância, em diálogo com categorias filosóficas das tradições iorubá e bantu na diáspora brasileira. A imagem da temporalidade da infância é compreendida desde a tradição da “África negra”, em diálogo crítico e criativo com a imagem trazida por Nietzsche nos primeiros discursos de Zaratustra. Enquanto em Nietzsche a criança deve esquecer o passado para construir o futuro, todavia, na dimensão iorubá e bantu, as crianças são vinculadas ao passado e ao presente. A relação intrínseca da criança com o seu passado constrói, no imaginário social e cultural, uma compreensão da importância de ter ciência de seus antepassados, da sua história. Segundo Flor do Nascimento:

O tempo com o qual a criança está conectada aqui é expresso nessa repetição do dinâmico, do instável, do incerto, com um compromisso com esse passado que a todos rege. Não há aqui um eterno retorno do mesmo, mas um eterno retorno da pirueta, que tem sempre o compromisso com o chão, que vem antes (FLOR DO NASCIMENTO, 2018, p. 589).



A poética da memória luta contra a lógica do esquecimento. A poética traduzida pelo Ibeji e por Exu produz um ritual de inversão, atua na educação através do repertório simbólico e cultural africano no Brasil. Nesse aspecto, movimenta outros repertórios culturais na filosofia da educação brasileira, traduzindo uma multiplicidade de imagens para disputar narrativas desde a paisagem brasileira. E a finalidade dessa ação se dá com o objetivo de enfrentar e combater o racismo, que atua na tentativa de aniquilar a força poética dos afro-brasileiros. Por conta disso, cada corpo deve ser mobilizado pela e para a beleza, na qual cada existência é uma poesia. Entretanto, o corpo negro é controlado pelo imaginário do racismo na produção discursiva e pela prática educacional brasileira. “Trata-se da negação do corpo negro como corpo livre, que age, move, contesta, vibra, goza, sonha, reage, resiste e luta. No limite, é a produção do corpo negro como não existência” (GOMES, 2017, p. 79).

A poética presente na ação do Ibeji e em Exu potencializa, na filosofia afro-brasileira da educação, o sentido de educar pela cultura, na relação intrínseca com a beleza, a fim de estetizar a vida. O contratempo produzido pela experiência mítico-poética do Ibeji e de Exu se dá na produção de uma “nova região do mundo”¹².

A nova região do mundo é a compreensão estética do projeto de pensamento do filósofo martinicano Édouard Glissant. É na estética que habita o projeto político coletivo, ela é um elemento formador na construção e potência da imaginação, pois relaciona a política e a ética. O projeto político ancorado desde a estética tem como finalidade a afirmação da vida, combater o racismo. É a construção utópica de caminhar juntos.

A filosofia afro-brasileira da educação, como aqui defendida, segue os rastros-resíduos da floresta de signos que povoa o debate do *Harlem Renaissance*, do pan-africanismo¹³ e do movimento da negritude¹⁴. Esses movimentos político-estéticos influenciaram a produção de Glissant e oferecem, para os negros da diáspora e do continente africano, possibilidades para reinventar o projeto de humanidade. É essa imaginação que potencializa a poética do contratempo de Exu e do Ibeji, a renovação do imaginário, desde a imaginação, na busca de reforçar a política de vida na contramão à política de morte.

¹² Referência ao livro de Édouard Glissant *Une nouvelle région du monde. Esthétique I*.

¹³ O movimento Harlem Renaissance defendia a afirmação da humanidade negra, nos Estados Unidos, por meio dos movimentos culturais. Sugiro como referência para o entendimento do Pan-africanismo e do Harlem Renaissance o texto *O renascimento do Harlem – panafricanismo e a luta contra a inferioridade racial (1920-1930)*, de Gustavo de Andrade Durao. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosiliafro/wp-content/uploads/2014/03/artigo_SILIAFRO_27.pdf>.

¹⁴ O movimento da negritude é a perpetuação do ideal do Panafricanismo e do Harlem Renaissance em solo francês. Sugiro a leitura de Kebenguele Munanga em *Pan-Africanismo, Negritude e Teatro Experimental do Negro*. São Paulo: Revista Ilha, v. 18, n° 1, pp. 107-120. Junho, 2016.



Portanto, o signo mítico-poético do ibeji, potencializa como resposta o questionamento do texto, a dimensão do coletivo, a solidariedade por meio da beleza, tendo como finalidade a superação da morte. O belo é a resposta para o fortalecimento das relações e da afirmação da vida. O mito apresenta como possibilidades para a afirmação de caminhar juntos, seguir no “todo-o-mundo”, a defesa da ética: a vida, o coletivo.

1.3 Filosofia afro-brasileira da educação

Não é novidade a defesa de uma educação que pautar o diverso e traga como imagens norteadoras o universo simbólico da cultura afro-brasileira. O movimento negro educador¹⁵ e a pedagogia afro-brasileira Irê Ayô¹⁶, por exemplo, representam estas pedras que reinventam a memória e o tempo de uma educação antirracista, com o comprometimento de educar para a coletividade, para a afirmação da vida e da criatividade. É uma ação filosófica que oferece modos de caminhar em relação.

A filosofia da educação, nessa perspectiva, tem como finalidade a defesa da estetização da vida negra como um dos modos de afirmar o “todo-o-mundo”, de enfrentar o racismo. É uma resposta ao tempo da monocultura e da colonialidade da vida. Portanto, a filosofia da educação afro-brasileira tem como objetivo caminhar junto na medida em que politiza uma educação da sensibilidade.

A filosofia da educação afro-brasileira parte da sabedoria e da raça, da invenção do tempo com a urgência e necessidade da disputa da cidadania. Educar o Brasil para uma educação antirracista é defender a ampliação e manutenção das liberdades.

A perspectiva de educar na deriva de Exu e do Ibeji traduz a dimensão estética para engajar e educar uma ação. A abordagem acerca do racismo tem a estética e a ética como elementos mobilizadores, pois o racismo é um problema de ordem da sensibilidade e de atitude. A ação da violência contra os corpos racializados requer uma resposta ética-estética. A perspectiva da filosofia da educação afro-brasileira busca problematizar o racismo na esfera da sensibilidade.

A lógica de atuação do racismo busca matar a imaginação criativa. A atitude na luta de uma educação antirracista segue na trajetória de potencializar a “filopoética do educar” (SANTOS, 2019), pois é fundamental na luta contra o racismo “[...] criar conceitos e fecundá-

¹⁵ O texto faz referência a Nilma Lino Gomes (2017).

¹⁶ O texto faz referência a Vanda Machado (2013).



lo de imaginação na contramão do racismo” (SANTOS, 2019, p. 23). A criação é uma das maneiras de atualizar outras formas de existência.

Problematizar uma educação que combata o racismo tem como destino a ampliação e povoação de um imaginário diverso. Para isso, é importante navegar na contramão do pensamento colonizado e potencializar uma filosofia da educação descolonizada. A filosofia descolonizada “[...] estaria comprometida em pensar não apenas o local, mas desde o local” (FLOR DO NASCIMENTO, 2012, p. 7). Portanto, uma filosofia da educação, com compromisso em fortalecer uma educação antirracista, problematiza-se desde as suas paisagens e territórios, produzindo possibilidades e modos de ampliação da relação. É a defesa de uma filosofia, afinada com suas paisagens, em relação com o “todo-o-mundo” (GLISSANT, 2011).

2 CONCLUSÃO

Uma das finalidades de uma filosofia da educação afro-brasileira, na temporalidade do contratempo de Exu e do Ibeji, é o combate ao racismo, pois esse é um grande inimigo para a possibilidade de, humanamente, potencializar uma caminhada em relação. O racismo é um fenômeno sensível, justificado racionalmente, que aniquila e mata as vidas racializadas. É uma via de mão dupla, uma sensibilidade distorcida que legitima e justifica o racismo epistêmico. Nesse ponto, é salutar a crítica e a criação para sua superação. É imprescindível a criação de outras interpretações na discussão da filosofia da educação brasileira. Portanto, as categorias do semiocídio cultural e do epistemicídio são estratégias epistemológicas e culturais para a perpetuação das vidas inferiorizadas e retiradas do todo-o-mundo pela mentalidade do racismo.

A categoria do racismo, no contexto de um problema filosófico, aparece como um problema central da agenda a ser enfrentado, na perspectiva de encarar o desafio de responder ao questionamento levantado no início do texto. O desafio de superar o racismo se dá como uns dos passos de extrema importância como chama a atenção Paul Gilroy (2007, p.64): “Os espaços em que as raças ganham vida constituem um campo de onde a interação política tem sido banida”. Achille Mbembe é outro pensador contemporâneo, que tem dedicado sua reflexão ao terror do racismo que impede as relações: “Por fim, a raça é uma das matérias-primas com as quais fabricamos a diferença e o excedente, isto é, uma espécie de vida que pode ser gasta ou passada sem reservas” (MBEMBE, 2014, p. 70).

Uma filosofia que não se ocupe do problema do racismo, não atinge os articuladores das violências e legitimidades das injustiças do solo brasileiro. Não é o único, mas um dos que



funcionam como estratégia sensível do horror e do terror da hierarquização das vidas. O racismo antecede a formação da sociedade brasileira, por isso, para enfrentar a violência do racismo, é necessário está engajado na disputa do “[...] que há de mais humano no homem: a liberdade” (FANON, 2008, p.184).

É imprescindível navegar à deriva no tempo, da memória e do imaginário escravagista. No terror do tempo do racismo, a resposta é a poética do tremor do contratempo de Exu e do Ibeji.

A filosofia da educação afro-brasileira intenta ser um pensamento afinado com a sua própria paisagem, no intuito de enfrentar a diminuição e redução das liberdades. A filosofia da educação, a partir do imaginário africano e dos seus arquipélagos, tem a pedagogia antirracista como legado político e epistemológico.

Na leitura mito-poética das paisagens conceituais Exu e Ibeji, tanto o primeiro quanto o segundo reinventam um contratempo ao mundo desertificado pela lógica da exploração do racismo. A morada do humano está cada vez mais esgotada. Os símbolos mítico-poético oferecem como caminho para o problema levantado, uma saída ética: ao invocar a coletividade e a defesa da vida, através da sensibilidade, da dimensão estética. É uma paisagem ético-estética na produção de um outro humanismo.

A dimensão de uma filosofia afro-brasileira da educação, partindo da estética, potencializa o ser, viver e morar numa dinâmica a qual criamos e, por isso, participamos. Portanto, a pedra jogada por Exu e o batuque do Ibeji sinalizam que a filosofia da educação, desde a poética do contratempo, tem como finalidade enfatizar uma imaginação diversa, uma ação em que “o Outro do pensamento é a estética criada por mim, por vocês, para nos associarmos a uma dinâmica em que participamos” (GLISSANT, 2011, p. 149).

Desta maneira, ensaiamos respostas para tal questionamento: quais as formas possíveis de caminharmos humanamente juntos? Primeiro, é necessário jamais esquecer a defesa da multiplicidade cultural presente no pensamento filosófico. Segundo, a invenção do contratempo por meio da ação e, por fim, a beleza como força poética de fortalecimento da coletividade. Isto é, a paisagem ética-estética como caminho para a afirmação da vida.

A imaginação criativa e afirmativa da vida é um sentimento que parte com sujeitos sensibilizados e, conseqüentemente, engajados a criar conceitos e fecundá-los de imaginação. A poética de Exu e do Ibeji, a dimensão ético-estética, sinaliza a importância de escapar do pensamento fixo e totalitário, por isso, a resposta para pergunta acima não pode ser desatrelada de uma ordem “onto-epistemológica”. A poética presente no Ibeji e em Exu tem como horizonte a paisagem do mundo e a sua fronteira estará sempre aberta. A filosofia da educação afro-



Recebido em: 30/11/2020
Aprovado em: 26/12/2020
Publicado em: 31/12/2020

brasileira preserva o particular, tendo em vista que a totalidade dos particulares garante o diverso. Todavia, é um particular que se coloca sempre em Relação. A caminhada somente será possível com a afirmação do singular em deriva para o todo-o-mundo.



REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 339 f. Tese [Doutorado em Educação] – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- DURAO, Gustavo. O Renascimento do Harlem – Panafricanismo e a Luta Contra a Inferioridade Racial (1920-1930). Uberlândia: *Anais do SILIAFRO*, n° 01, 2012.
- FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscara Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. Outras vozes no ensino de filosofia: O pensamento africano e afro-brasileiro. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. Número 18: maio-out/2012, p.74-89.
- FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. Temporalidade, memória e ancestralidade: enredamentos africanos entre infância e formação. In: KOHAN, Walter; BERLE, Simone; RODRIGUES, Allan (Orgs). *Filosofia e educação em errância: inventar escola, infâncias do pensar*. Rio de Janeiro: NEFI, 2018.
- GILROY, Paul. *Entre campos: nações, cultura e o fascismo da raça*. São Paulo: Annablume, 2007.
- GLISSANT, Édouard. *Poética da Relação*. Portugal: Porto Editora, 2011.
- GLISSANT, Édouard. *Philosophie de la Relation: poésie en étendue*. Paris: Éditions Gallimard, 2009.
- GLISSANT, Édouard. *Une nouvelle région du monde. Esthétique I*. Paris: Éditions Gallimard, 2006.
- GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- LUZ, Marcos Aurélio de Oliveira. *Agadá: Dinâmica da Civilização Africano-Brasileira*. 2. ed. Salvador: Editora EDUFBA, 2003.
- MACHADO, Vanda. *Pele da cor da noite*. Salvador: EDUFBA, 2013.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Editora Antígona, 2014.
- MBEMBE, Achille. *Políticas da Inimizade*. Portugal: Antígona, 2017.
- MUNANGA, Kebenguele. Pan-Africanismo, Negritude e Teatro Experimental do Negro. São Paulo: *Revista Ilha*, v. 18, n° 1, p. 107-120. Junho, 2016.
- OLIVEIRA, Eduardo David. *Filosofia da Ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira*. Curitiba: Editora gráfica Popular, 2007.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Entre Orfe(x)u e Enxunouveau. Análise de uma estética de base afrodiáspórica na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Azougue, 2017.
- RAMOSE, Mogobe B. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. *Ensaio Filosóficos*. Trad. de Dirce Eleonora Nigro; Solis Rafael Medina Lopes; Roberta Ribeiro Cassiano. Volume IV – outubro/2011.
- SANTOS, Luís Carlos Ferreira dos. *O poder de matar e a recusa em morrer: filopoética afrodiáspórica como arquipélago de libertação / Luís Carlos Ferreira dos Santos*. – 2019. 236f. Tese [Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento]. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2019.



Recebido em: 30/11/2020
Aprovado em: 26/12/2020
Publicado em: 31/12/2020

SANTOS, Luís Carlos Ferreira dos. (2014) *Justiça como Ancestralidade: em torno de uma filosofia da educação no Brasil*. 2014. 192 f. Dissertação [Mestrado em Educação]. Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SANTOS, Juana Elbein dos; SANTOS, Deoscoredes Maximiliano dos. *Ésú*. Salvador: Corruptio, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *A filosofia contemporânea no Brasil: conhecimento, política e educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SOARES, Emannel Luís Roque. *As vinte Uma faces de Exu na filosofia afrodescendente da educação*. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

SODRÉ, Muniz. *A Verdade Seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1988.

SODRÉ, Muniz. *Pensar nagô*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.